

MOSCOVICI, Fela. Desenvolvimento interpessoal. 12ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

ORLICKAS, Elizenda. Seleção como Estratégia Competitiva: metodologia e prática na contratação de profissionais. São Paulo: Futura, 2001.

RODRIGUES, Cristiane Oliveira Costa. A musicoterapia no desenvolvimento das relações inter-pessoais em uma empresa. Monografia de Conclusão do Curso de Musicoterapia. Goiânia: UFG, 2004.

94-A musicoterapia nas dificuldades de aprendizagem : uma mediação entre o cantar, o ler e o escrever. Elisama Barbosa Brasil/GO.¹

Apresenta-se, neste trabalho, o resultado da pesquisa do Curso de Graduação em Musicoterapia (EMAC/UFG), onde o objetivo principal foi desenvolver a aplicação da Musicoterapia na Educação nos casos de Dificuldades de Aprendizagem na leitura e escrita, em indivíduos normativos sem deficiência associada. A pesquisa-ação, de cunho qualitativo, foi desenvolvida no Centro Municipal de Apoio à Inclusão (Goiânia-GO), utilizando a re-criação musical, a improvisação livre, a composição e a audição musical, como técnicas musicoterapêuticas, e realizando a análise dos dados através do diálogo entre as manifestações sonoro-musicais da cliente, sua história clínica e a Psicologia Sócio-histórico-dialética. A partir das experiências musicais-musicoterápicas, percebeu-se alguns movimentos vivenciados pelo sujeito, desde a exploração - onde aplicamos a Testificação Musical para verificar o nível de desenvolvimento real e proximal, em seus aspectos perceptivo e mnêmico, levando a novas aprendizagens e à internalização dos conceitos, possibilitando o desenvolvimento e novas explorações. Observou-se que, durante o processo musicoterapêutico, a zona de desenvolvimento proximal se configurava conforme a vivenciação de diferentes experiências musicais pelo sujeito, modificando sua expressão inicial. Numa interação ativa com elementos mediadores – objetos e/ou instrumentos sonoros, experiências musicais diferenciadas, multimeios expressivos (desenho, fala, canto, escrever), musicoterapeuta/co-musicoterapeuta – experimentando e realizando trocas, o sujeito tem a possibilidade de aprender novas formas expressivas ampliando o seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Musicoterapia na Educação; Dificuldades de Aprendizagem; Processo criativo;

ARTIGO:

Pretende-se expor neste artigo os resultados da pesquisa cujo objetivo foi desenvolver uma proposta de aplicação da Musicoterapia na Educação, investigando sua aplicação nos casos de Dificuldades de Aprendizagem referentes à leitura e à escrita.

Este tema foi eleito a partir de experiências vivenciadas em estágio e pela observação do contexto da aprendizagem no ambiente escolar regular. A pouca literatura acerca do tema, a musicoterapia na educação, tornou-se outro fator motivador, pois ao contrário da área da Educação Especial, a aplicabilidade da musicoterapia na educação com indivíduos normativos tem sido pouco explorada, denunciando uma lacuna nas pesquisas da área e se mostrando um campo a ser investigado e divulgado.

A pesquisa configurou-se como um estudo de caso, efetivada com a educanda FRB, com idade de 9 anos e 2 meses, sem hipótese de deficiência associada (mental, física, motora ou sensorial), atendida no Centro Municipal de Apoio à Inclusão (CMAI - Goiânia - Go) no ano de 2008/2, apresentando dificuldades de aprendizagem na leitura e na

¹ Musicoterapeuta graduada pela Escola de Música e Artes Cênicas da UFG.

Email: elisbrasil26@yahoo.com.br.

Endereço currículo lattes: www.prppg.ufg.br ou <http://lattes.cnpq.br/>

escrita como queixa principal da escola. A hipótese diagnóstica, posta pela equipe multiprofissional numa avaliação prévia de FRB, era de que sua dificuldade de aprendizagem era de caráter epistemofílico.

A metodologia da investigação se concretizou através de pesquisa-ação, de cunho qualitativo, por permitir, respectivamente, proporcionar flexibilidade e transformação das práticas, favorecendo uma avaliação das mesmas para modificar o contexto (FRANCO, 2005), e um contato mais próximo ao sujeito da pesquisa e sua problemática (CRESWELL, 2007). A escolha por este tipo de pesquisa se deu por perceber as diversas intercorrências que permeiam o campo da educação em geral, e no espaço escolar, especificamente. Fundamentamos na Teoria da Psicologia Sócio-Histórico-Dialética proposta por L. S. Vygotsky, por esta se basear na importância das experiências e das trocas sociais no desenvolvimento humano, nos modos de adequação do indivíduo ao meio através de instrumentos e signos. Partindo da premissa sócio-histórico-dialética de que "a complexidade da estrutura humana deriva do processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas relações entre história individual e social" (REGO, 2005, p. 26), buscamos compreender como a música e os elementos que a compõem (melodia, ritmo, timbre), mediados pela presença ativa do musicoterapeuta, constituindo a "história" terapêutica (grifo do autor) estabelecida entre terapeuta e cliente, poderiam caracterizar-se como elementos mediadores no desenvolvimento deste.

Um ponto em comum encontrado entre a teoria posta por Vygotsky e o processo musicoterapêutico, foi a caracterização do terapeuta e do cliente como elementos mediadores e geradores de trocas significativas a partir do estabelecimento de uma relação. Relação esta que permite uma diversidade de movimentos (grifo do autor) ou ações que levam à aprendizagem (ens) através da vivenciação de formas expressivas diferenciadas, nas quais a relação estabelecida entre a criança, o musicoterapeuta e a música, favorecem o desenvolvimento.

Totalizou-se o trabalho com 9 (nove) encontros, com frequência de uma vez por semana, duração de 40 minutos e participação da educanda, da musicoterapeuta e da co-musicoterapeuta. Aplicamos o modelo de Testificação Musical (uma das etapas iniciais do processo musicoterapêutico) proposto pelas musicoterapeutas (BRASIL e GOMES, 2008), a fim de observar reações, possibilidades de comunicação e características da cliente diante de diferentes estímulos sonoros (SABARELLA, 1998), e para complementar informações sobre a "Identidade Sonora – Iso" (BENZON, 1985, p. 43) da mesma. No geral, FRB demonstrou ambas as expressões extremamente contidas, denunciando uma dificuldade na aproximação e no contato físico e ocular com o outro, apresentando expressão facial séria e cabisbaixa. A inibição na fala, quanto à intensidade e expressão, se refletia no canto manifestado em pianíssimo (intensidade muito fraca, pequena, quase inaudível), o qual não possuía entonação melódica, ou seja, faltava-lhe a entonação melódica na voz. As características manifestas na Testificação podem ser consideradas como uma representação do nível de desenvolvimento real e potencial (VYGOSTKY, 1989). O dado principal trazido pela cliente durante essa etapa foi a dificuldade de expressar sentimentos (dizer o que sente diante de algum fato ou acontecimento), sendo manifestada através do aspecto melódico de FRB, o qual se apresentou quase nulo, tanto nas reproduções, quanto nas identificações e

interpretações vocais do mesmo.

Isto nos levou a diversas indagações: FRB demonstrava apenas uma dificuldade de expressar-se afetivamente por ter presenciado situações críticas na infância (tais como assédio sexual, assalto) ou por suas relações vinculares atuais estarem inadequadas (conviver num contexto familiar confuso e conflituoso)? Isto estaria associado ao fato de encontrar-se impedida de ver o pai biológico (motivo de separação)? Seria devido ao fato de FRB enfrentar relações conflituosas com as colegas de escola (dados explicitados pela mãe, nas falas da psicóloga do CMAI, da professora de escola, nas produções artísticas, musicais e nas falas de FRB quando dos atendimentos musicoterápicos)? Esta expressão afetiva estaria associada a uma dificuldade maior relacionada à formação de conceitos (VYGOTSKY, 1989; BARBOSA, 1997)?

A melodia é um dos elementos constitutivos da música, assim como o ritmo, a harmonia e o timbre. A importância da presença da melodia recai sobre sua característica psicológica. Segundo Zamprona (2007, p. 46), "psicologicamente falando, tomada como 'canção de dentro', a melodia é sempre vinculada a tendências e inclinações, à consciência afetiva, à propriedade de se transformar impressões em expressões e ao determinado contexto cultural".

Neste sentido, segundo esta autora, a melodia aproxima "o indivíduo de si mesmo, co-movendo e estimulando sua dimensão interior" (ibidem, p. 46). Pois,

A melodia fala diretamente à fisionomia afetiva do indivíduo. E assim como temos um ritmo próprio, resultado de trocas químicas e metabólicas, também temos uma fisionomia afetiva própria, fisionomia (...) de certo modo duradoura, e estreitamente relacionada com a totalidade de nossos interesses e preferências. Ela representa a fisionomia sentimental característica de cada indivíduo, estrutura particular de suas respostas emocionais, é radicada em suas tendências e é assim assentada num repertório sociocultural, pois o homem é fruto de uma cultura.

Priorizamos às intervenções as experiências musicoterapêuticas, postas por Bruscia (2000), de improvisação, re-criação, composição e de audição musical, utilizando a música e seus elementos como facilitadores da criatividade, dos aspectos cognitivos e da auto-expressão (verbal e não-verbal) da cliente, bem como oportunizar a percepção do produto criado. Utilizamos outras modalidades de expressão, como o desenho e a escrita de texto para 'dar forma' aos sentimentos expressos por FRB.

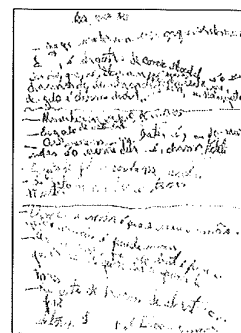


Figura 1

TEXTO TRANSCRITO

"Era uma vez"

- Era que existia uma criança que se chamava F. (09), e ela gostava de comer chocolate e o seu irmão, que se chamava Wandersson (14 anos), me chamava de lombriga doceira. Eu não gosto de jiló e dormir de dia.

- O meu irmão é feio de mais.

- Eu gosto de estudar.

- As meninas me batem e eu dou murro nelas e o nome dela se chama Ketelin.

- Eu gosto de pular corda na escola.

- Eu gosto de cantar e tocar muito.

- O meu irmão é feio, o meu irmão é feio, o meu irmão é feio demais.

- As meninas que me batem são feias, são feias, são feias demais.

- Eu gosto de brincar de elástico.

Fim.

Editora: F. R. de B. com 09 anos."

Figura 1 – Composição Musical nº 1 (Letra elaborada por FRB) com transcrição realizada pela musicoterapeuta.

Nesta produção FRB fala de si mesma, sobre as coisas que gosta de fazer, e começa a trazer conteúdos de suas relações familiares (quando fala sobre o irmão) e principalmente, sobre a problemática no contexto escolar, ao se referir às meninas que “batem” nela e suas reações diante deste fato. Estes conteúdos se repetiram continuamente nas falas e em outras produções de FRB. Partindo do princípio colocado pela Teoria de Vygotsky de que o indivíduo apenas reconhece e reproduz/expressa aquilo que vivencia em seu meio, se FRB não tem ou não teve uma vivência afetiva no contexto familiar e escolar (com os indivíduos mais próximos), como poderá expressá-la em situações diferentes ou em outros contextos novos? Se não internalizou experiências de afeto, como FRB poderá desenvolver manifestações de carinho, afago, abraços, beijos, cuidados etc.? Acreditamos que o indivíduo é capaz de expressar aquilo que vivenciou e que, portanto, lhe tenha um significado, um sentido de ser.

Ao fazer uma analogia entre a formação de conceitos e o processo de leitura, podemos compreender este último como uma “decodificação”. Lembrando Freire (1985), esta seria, em primeiro plano, a forma como o indivíduo lê o mundo a sua volta, como ele o apreende e o compreende. Da mesma forma, a escrita corresponderia às impressões do indivíduo sobre os contextos que o cercam, ou seja, seria o ato de reproduzir os elementos percebidos, de acordo com o modo que o sujeito absorve os conteúdos destes contextos e o que eles representam, ou seja, o sentido que têm para o indivíduo.

FRB demonstrou uma alta necessidade e ansiedade em verbalizar. A dificuldade em “frasear” suas expressões, colocar pausas e organizá-la se refletia em sua leitura de textos e em sua expressão sonoro-musical, principalmente no canto, o qual se caracterizava pela ausência destes aspectos: frase (completar uma idéia), pausa (silêncio) ou respiração. Apresentou alto índice de verbalização de diferentes conteúdos, simultaneamente, misturando-os, passando de um para o outro rapidamente, sem frasear as falas ou respirar/pausar para manter e transmitir a mensagem que relatava. Segundo a psicóloga, ultimamente FRB verbalizava constantemente sobre agredir as pessoas que pudessem lhe fazer mal, ou que a cliente pensasse que poderiam fazê-lo contra ela, mesmo que estas não tivessem a intenção referida.

O processo musicoterapêutico estabelecido conseguiu alcançar a realidade psíquica da cliente oportunizando-lhe uma possibilidade diferenciada de expressão, para falar de si mesma e dos contextos que circundam e influenciam esta realidade, permitindo que a cliente pudesse estar com outras pessoas e relacionar-se com elas de alguma forma. As condições para fazer emergir os conteúdos intrapsíquicos de FRB mediante a experimentação, foram possibilitadas através da vivenciação e da mediação via música/musicoterapeuta, para que aos poucos ela pudesse internalizar novas experiências, possibilitando atingir o nível de desenvolvimento proximal.

De acordo com o que podemos observar de FRB, a cliente tentava se colocar no mundo de modo a ter certo domínio das situações, com personalidade forte, sendo capaz de se defender de tudo e de todos (conforme fala da mesma, da mãe e da psicóloga): brigando e batendo em colegas da escola, por exemplo. Mas em sua

expressão sonoro-musical, apresentava-se sonoramente frágil pela pouca expressividade, intensidade e exploração dos recursos sonoros dos instrumentos, não fazendo uso das suas variadas possibilidades de intensidade sonora. Mesmo ao compor canções, através das quais poderia expressar ou comunicar experiências internas, como coloca Bruscia (2000), FRB continuava a demonstrar dificuldades em explorar e expressar suas emoções, dizer o que sentia claramente, ao invés de relatar um sem número de fatos que a constrangiam. Este dado implicaria, portanto, na existência de um entrave emocional caracterizado por uma carência de vivenciar situações/relações afetivas. As dificuldades de FRB em interagir e em relacionar-se com o outro, foram os primeiros e recorrentes indícios e conteúdos do processo musicoterapêutico estabelecido, os quais acreditamos terem sido os de caráter mais urgente a se emergirem na cliente.

A partir do que descrevemos, observamos que o modo de compreensão do indivíduo, estabelecido pela teoria sócio-histórica, considera as habilidades cognitivas da criança como resultantes das interações com os pais, professores e outras pessoas significativas do seu meio social. Ainda há muito que percorrer sobre a Musicoterapia no campo da Educação. Cremos que a atuação musicoterapêutica, representada na figura e no papel do musicoterapeuta, pode levar aos ambientes educacionais regulares uma prática diferenciada da música, potencializando os efeitos desta através das especialidades terapêuticas e científicas desta disciplina quanto ao fazer musical e ao que dele decorre.

A valorização e a estimulação da criatividade são elementos importantes a serem considerados no acompanhamento de crianças com dificuldades de aprendizagem. As experiências musicais em Musicoterapia potencializam-se por trabalharem com as expressões do indivíduo como um todo (musical, sonora, corporal, verbal etc.). Por esse motivo, na Musicoterapia, o cliente tem a liberdade para explorar diferentes formas de expressão colocando em ação seu potencial criativo, produzindo sonoro-musicalmente, desenvolvendo habilidades, tomando consciência de si mesmo e do outro, integrando-se enquanto ser que não pode ser desmembrado ou reduzido isoladamente a apenas uma possibilidade.

ABSTRACT

It is presented in this work, the search result of the Graduate Course in Music (EMAC/ UFG), where the main objective was to develop the application of Music in Education in the cases of learning difficulties in reading and writing, in individuals without normative associated disability. Action research of qualitative nature, was developed at the Center for Support of Municipal Included (Goiânia-GO) using the re-establishment music, free improvisation, composition and music listening, as musicoterapêuticas techniques, and performing the analysis of data through dialogue between the manifestations of the musical sound-customer, its history and psychology Socio-historical-dialectic. From the musical experience, music, saw some movement is experienced by the subject, since the operation - which apply to Testificação Music to check the level of real development and proximal, in their perceptual and mnemonic aspects, leading to new learning and the internalization of concepts, enabling the development and new exploration. It was

observed that during the process musicoterapêutico, the zone of proximal development is shaped as vivenciação of different musical experiences by the subject, changing its initial expression. In an interaction with active elements mediators - objects and / or acoustic instruments, different musical experiences, expressive multimedia (design, talking, singing, writing), musicoterapeuta / co-musicoterapeuta - experimenting and making trade, the subject has the opportunity to learn new ways significant broadening its development.

Keywords: Music in Education, learning disabilities, the creative process;

REFERÊNCIAS:

- BENZON, Rolando O. Manual de Musicoterapia. Trad.: Clementina Nastari. Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.
- BARBOSA, Ivone Garcia. Pré-escola e formação de conceitos: uma versão sócio-histórico-dialética. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.
- BRASIL, Elisama Barbosa; GOMES, Carolina Gabriel. Modelo de testificação sonoro-musical para a Musicoterapia na área da Educação. Goiânia, 2008.
- BRUSCIA, Kenneth E. Definindo Musicoterapia. 2 ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto, 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483–502, set./dez 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a11v31n3.pdf> >. Acesso em: 19 mar. 2008.
- FREIRE, Paulo.- A importância do ato de ler: em três artigos que se completam, 11ª ed., São Paulo: Autores associados/Cortez, 1985.
- REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- SABARELLA, Patrícia L. Un estudio bibliográfico sobre metodología de trabajo y evaluación em Musicoterapia. Musica, Terapia e Comunicación (Revista de Musicoterapia). s/l. 1998, n. 18, p. 67-81.
- VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ZAMPRONHA, Maria de Lourdes Sekeff. Da música: seus usos e recursos. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

95- Compendo e afinando o tornar-se Musicoterapeuta. Marcia Maria Menim/PR¹ e Sheila Maria O. Beggiato Volpi/PR.²

RESUMO: Os desafios da construção do papel de musicoterapeuta nos dias de hoje, sob a luz da transdisciplinaridade e da complexidade em face ao imediatismo e pragmatismo vigente.

Palavras-chave: musicoterapia; transdisciplinaridade; formação do musicoterapeuta.

ABSTRACT: The challenges in the construction of the role of a music therapist nowadays, in the light of transdisciplinarity and complexity in face of the immediatism and pragmatism in effect.

Key-words: Music Therapy, transdisciplinarity, training of music therapist.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo de quase duas décadas de trabalho na formação de musicoterapeutas, temos acompanhado, empiricamente, a mudança no perfil do jovem que busca o curso superior para tornar-se um profissional. Essa mudança no perfil pode ser entendida como o reflexo das próprias mudanças sociais, das relações que as pessoas vêm desenvolvendo com a natureza, com as instituições e com as outras pessoas.

Acompanhamos a velocidade das mudanças tecnológicas, e como consequência desta, temos o consumismo e o descarte de objetos. Os laços inter-humanos, que outrora teciam uma rede de segurança e que eram tecidos dentro de instituições bem estruturadas, hoje se tornam cada vez mais frágeis e temporários. É com a obra de Zigmunt Bauman que vamos estudar os efeitos da “vida líquida” sobre o cuidado de si e do outro nesta vida agitada e descartável.

2 Da Modernidade à Transdisciplinaridade

A Modernidade teve início por volta do século XV e se estende até nossos dias. Trata-se de certo tipo de mentalidade, que séculos após séculos, veio se instalando e se desenvolvendo entre os homens, principalmente a partir da construção do saber ou do conhecimento humano. Estamos nos referindo a um tipo de Razão e Raciocínio que podemos chamar de Razão Científica.

O conhecimento passa a ser organizado em torno da quantificação e da mensuração, como forma de revelar as verdades universais. Neste sentido, o saber sensível proveniente de sensações e sentimentos foi sendo progressivamente relegado e até mesmo negado.

¹ Psicóloga, Psicoterapeuta, Especialista em Psicodrama Terapêutico e Psicologia Analítica. Professora de Psicologia na Faculdade de Artes do Paraná desde 1985. Atua como psicóloga autônoma – psicoterapia adultos. Email: marciammenim@hotmail.com

² Musicoterapeuta formada pela Faculdade de Educação Musical, atual Faculdade de Artes do Paraná - FAP. Atualmente é Coordenadora do Curso de Bacharelado em Musicoterapia da FAP. Formação em Psicodrama Pedagógico pela Sociedade Paranaense de Psicodrama. Mestrado em Educação pela PUCPR. Experiência clínica na área de saúde mental, menores em conflito com a lei e em situações de risco.